

Entre muros e cortiços no território de Carrazeda de Ansiães

Rodolfo Manaia¹
Nelson Tito²

Resumo: Este artigo sobre os muros-apiários e cortiços, enquadra-se numa perspetiva de preservação do património arquitetónico vernacular e da memória do “saber-fazer” da atividade apícola tradicional, da realidade quotidiana que a envolvia, através das fontes históricas e orais que permitem analisar, compreender e registar o património material e imaterial intrínseco a esta atividade.

1. Introdução

As estruturas identificadas como muros-apiários pontuam a paisagem rural, integrando-a, como testemunho material de uma arquitetura vernacular e de um modo de exploração tradicional que incorpora os recursos do território.

A área alvo de estudo neste artigo cingiu-se à delimitação administrativa do concelho de Carrazeda de Ansiães, e, embora não se tenha efetuado uma prospeção sistemática, foi possível identificar diversas estruturas cuja funcionalidade inicial corresponderá aquela que é atribuída aos muros-apiários, ou seja, a proteção da produção apícola, nomeadamente dos cortiços, também eles evidência material de um “saber-fazer” ancestral, e de toda a técnica e conhecimento inerente para a sua conceção e exploração.

Para a recolha de informação recorreu-se aos testemunhos fornecidos por habitantes locais, quer fossem referentes à localização das estruturas e de topónimos, quer no que concerne às técnicas de construção dos cortiços, bem como das diferentes fases do trabalho apícola a estes associados.

As informações orais aqui reproduzidas, foram por nós recolhidas através do método de entrevista realizadas a António Carvalho (A.C.) de 36 anos e António Belmiro Correia (A.B.C.) de 78 anos, ambos de Pinhal do Douro, José Joaquim Moura (J.J.M.) de 75 anos de Parambos e Manuel Aníbal Meireles (M.A.M.) de 55 anos de Beira Grande³, todos eles estão, ou estiveram, diretamente envolvidos na atividade apícola.

No decurso da recolha de informações junto da população local, foi possível testemunhar que existe um desconhecimento generalizado acerca deste património vernacular construído, e da sua associação à atividade apícola.

Atendendo ao estado do conhecimento atual acerca desta temática, extensamente documentada para outras regiões do país⁴, verifica-se que urge divulgá-lo e restituí-lo à memória coletiva da população, garantindo a sua preservação enquanto materialização de uma atividade e entidade de cariz rural.

1. Arqueólogo do Município de Carrazeda de Ansiães.

2. Técnico Superior de Turismo do Município de Carrazeda de Ansiães.

3. Entrevistas realizadas nos dias 2/9/2020 e 8/9/2020.

4. AÇAFA On-line nº3 (http://www.altotejo.org/acaфа/acaфа_n3.asp).

2. Breve Caracterização Geográfica

O concelho de Carrazeda de Ansiães insere-se no espaço de transição entre as regiões do Douro e Trás-os-Montes, entre a Bacia de Mirandela a norte, os vales dos rios Douro a sul e Tua a oeste e a ampla depressão da Vilariza a leste.

O território é marcado por significativos contrastes paisagísticos que podem ser agrupados em três unidades morfológicas principais, nomeadamente, a vasta área planáltica acima dos 700m na área central e oriental do concelho, o alinhamento de relevos que a cotas superiores a 800m de altitude delimitam o planalto a ocidente e oriente e ainda os vales encaixados dos rios Douro e Tua (PMEPC, 2012:127).

A área inclui-se na grande bacia hidrográfica do rio Douro, subdividindo-se por três bacias afluentes deste. A hemi-bacia esquerda do rio Tua, que delimita o concelho a poente, a hemi-bacia direita do Sabor e das ribeiras afluentes diretas do rio Douro. Para além dos vales do Douro e Tua, os vales de Uceira, Ferradosa e Ribalonga marcam profundamente a paisagem, desenhando formas em “V” apertado, com vertentes de forte declive que podem atingir os 600-700m de desnível, o território integra-se na unidade morfo-estrutural designada de Zona Centro Ibérica, sendo as principais rochas existentes no território os granitos e os xistos.

A parte norte-oriental de Portugal é caracterizada por valores pluviométricos muito baixos, não só nas depressões mais acentuadas, mas também nas planícies e, até, planaltos bastantes elevados, desde que protegidos da influência atlântica por eficazes barreiras de relevo (Lautensach, Daveau e Ribeiro 1999:402).

São distinguidos três microclimas:

- Os vales dos rios Douro e Tua, - microclima da Terra Quente - de características mediterrâneas, com menor pluviosidade e temperatura média anual mais elevada.

- O planalto de Carrazeda com registo de maior pluviosidade e menor temperatura média anual, enquadrando-se no microclima de Terra Fria, de características continentais.

- Registos de transição entre os microclimas acima referidos - microclima de montanha - nas áreas de transição entre as encostas do Douro e do Tua e a área planáltica.

O caudal das linhas de água e ribeiras que abastecem o concelho de Carrazeda de Ansiães é oscilante e muito dependente da pluviosidade, apresentando caudais de estiagem relativamente fracos. (PDM, 2015:21)

O território de Carrazeda de Ansiães caracteriza-se por um contraste na distribuição das inclinações das vertentes compostas por declives suaves nas áreas mais elevadas e declives bastante acentuados ao longo dos vales dos principais cursos de água.

A exposição das encostas indica-nos a direção em que o plano da vertente se expõe (ou não) aos raios solares, em relação ao norte cartográfico. Desse modo, as vertentes expostas a sul, conhecidas no Hemisfério Norte por vertentes soalheiras, são as que recebem maior quantidade de radiação solar ao longo do ano, em função do seu declive. Por oposição, as vertentes expostas a norte, denominadas por úmbrias, são as que recebem menor quantidade de radiação. (PMEPC, 2012:132-133)

3. Fontes Históricas

As fontes históricas, em diversos suportes, que atestam a exploração ancestral dos recursos apícolas pela humanidade remontam há diversos milénios, como comprovam as pinturas rupestres de Cuevas de La Araña, em Bicorn - Valência (Kritsky, 2017:50). Neste caso em particular não se pretende fazer uma compilação destas, mas apenas destacar algumas das que se reportam efetivamente ao território em estudo.

Verificou-se a existência de diversas fontes históricas escritas, datadas do século XVIII com referências diretas ou indiretas à exploração de colmeias ou produção de mel e cera na região, nomeadamente na Corografia Portuguesa mencionando que “...abunda esta Comarca de muito pão de todos os grãos, recolhe fértil colheita de azeite, logra superabundante provimento de vinhos, muitas frutas, legumes, figos, amêndoas, castanhas, sumagre, linhos, mel & cera...” (Costa, 1706, I:418).

José António de Sá menciona, em mais do que uma ocasião, a atividade apícola que identificou na região, no final do século XVIII, “*A comarca tem bastantes colmeias de abelhas, e há lavrador que colhe para cima de 8 almudes de mel. No concelho de Ansiães haverá duas mil colmeias e o maior colmeal será de 100*” (Sousa et alli, 2009:335)

Na transcrição do Tombo da Comenda de São João Baptista de Marzagão, efetuada por Cristiano Morais, verifica-se a existência de disposição específica para o pagamento de dízimo, sobre diversos produtos, entre os quais, “...das colmeias, cera, mel e enxames destas...” (Morais, 2006:411).

Através da consulta da transcrição de um outro documento setecentista⁵ foi possível constatar a referência à produção de mel na Freguesia de São João Baptista de Marzagão, sendo mencionado que “*Produz esta freguezia Trigo, Centeio, Milho grosso, Feijão, Castanha, Batatas, Vinhos, Azeite, e Mé; suas Dizimarias são o seguinte, e seus preços actuaes. (...) Mé... 1 Almudes a 4\$800 reis*” (Oliveira e Costa, 1996:224), e para a Freguesia de “*Sam Lourenço da Louza*” (Oliveira e Costa, 1996:229), pertencente à data ao Concelho de Vilarinho da Castanheira⁶.

4. Toponímia

Efetuiu-se um levantamento das referências toponímicas que remetem para a atividade apícola, sendo que, e de acordo com Abade Baçal, se registam neste território os topónimos Cumial, próximo da aldeia das Areias, tendo sido possível identificar a localização precisa do mesmo com recurso a fontes orais (Fig.12), bem como o topónimo Abelheira, próximo da aldeia de Pombal de Ansiães, (Alves, 2000, X:199), tendo este último sido

5. “...Descrição do Rio Douro para cima do Cachão da Valeira é o resultado da exploração conjunta que fizeram, de parceria, os comissários da Companhia Geral da Agricultura, José Vítor de Magalhães e Manuel Moreira Garcez” (Oliveira e Costa, 1996:200).

6. Vilarinho da Castanheira recebeu a primeira carta de foral em 1218 e incorporava a comarca de Torre de Moncorvo, perdeu o estatuto de concelho em 1853, passando a fazer parte integrante do concelho de Carrazeda de Ansiães, o mesmo não ocorreu para as restantes freguesias que integravam o concelho de Vilarinho da Castanheira como era o caso da Lousa.

reiterado com recurso às fontes escritas, nomeadamente a transcrição do Tombo da Comenda de São João Baptista de Marzagão efetuado por Cristiano Morais, que refere o topónimo “*Abilheira*” (Morais, 2006: 436), bem como por recurso a fontes orais que o permitiram localizar geograficamente (Fig.12), tendo-se ainda verificado neste local a existência de explorações apícolas na atualidade. Refira-se que, nenhum destes topónimos surge nas Cartas Militares de Portugal, que abrangem o concelho de Carrazeda de Ansiães, quer no levantamento de 1945, quer no de 1994. No entanto, consultando a Carta Militar de Portugal, folha nº 104 à escala 1:25000 (1994), surge identificado o topónimo de Alto das Colmeias, numa elevação que se situa entre as localidades de Zedes e Pereiros, em zona limítrofe da divisão administrativa do concelho de Carrazeda de Ansiães (Fig.12). Em nenhum destes locais foram identificados, até à data, estruturas passíveis de serem integradas no conceito de muro-apiário.

A análise toponímica incidiu também sobre a referência a um dos predadores mais comumente associado aos colmeais, que é efetivamente o urso, facto que surge registado de diversas formas na tradição popular portuguesa (Oliveira, 2010:19). Para o território nacional, a extinção desta espécie é balizada em fase posterior ao século XVII (Álvares e Domingues, 2010:12), para cronologias mais antigas, foi possível encontrar algumas referências documentais para a presença deste predador no território em causa, como é o caso do Foral de Fernando Magno concedido a Ansiães em meados do século XI, que atesta que “...*quem matasse cervo com cães ou com madeiro (armadilha) era obrigado a dar o lombo ao concelho, quem matasse urso, daria duas mãos, de porco (javali), nada*” (Morais, 2006:90).

Relativamente à toponímia que ateste a presença desta espécie na região, e ao contrário do que acontece com frequência noutras áreas do país, não se identificaram quaisquer evidências explícitas. Contudo, não podemos deixar de considerar o topónimo de Uceira, associado à ribeira que corre no mesmo vale, que embora possua esta grafia nos diferentes levantamentos constantes das Cartas Militares de Portugal, em documentação anterior

surge com a grafia Osseira⁷. Posto isto, não podemos deixar de equacionar acerca da opinião de Leite Vasconcelos, transcrita pelo Abade Baçal, acerca da etimologia da palavra Osseira, que poderá testemunhar a presença do urso nesses locais⁸ (Alves, 2000, X: 770). Outros autores reiteram as diversas evidências toponímicas que comprovam a ocorrência histórica do urso em território nacional. (Álvares e Domingues, 2010: 9)

5. Os muros-apiários

Os casos apresentados neste artigo não decorreram de uma prospeção sistemática, mas sim de um conhecimento, previamente adquirido, da localização das estruturas no território, por recurso a informações orais, ou mesmo através da análise do território através de ortofotomapa e utilizando os Sistemas Informação Geográfica, que permitem perscrutar o território, atendendo às características gerais de implantação que, por norma, estas estruturas obedecem.

O processo de registo pormenorizado foi condicionado, pelo estado de abandono de algumas estruturas que se encontram em avançado estado de ruína ou pré-ruína, quer pela sua inacessibilidade, agravado, nalguns casos, pelo crescimento de densa vegetação na sua envolvente e interior.

Para algumas ocorrências, e após a sua identificação através de ortofotomapa, foi somente possível fazer a sua inventariação recorrendo a fotografia aérea, dada a inacessibilidade do local, razão pela qual, não se efetuou um levantamento exaustivo de todas as estruturas assinaladas.

Foram identificadas 15 estruturas enquadráveis na tipologia de muros-apiários, em que se observaram

as características gerais de implantação e método construtivo utilizado.

Com esta amostra pretende-se fornecer uma imagem geral do território carrazedense que permita a sua caracterização relativamente a esta temática. (Fig. 12)

As estruturas foram implantadas sobre as diferentes folhas da Carta Militar de Portugal à escala 1:25000, tendo-se optado por utilizar código de cores para identificar as que foram confirmadas em proximidade, das que apenas foram identificadas por fotografia aérea. A cada uma delas foi atribuído um número de Identificação (n.º), indicando nome da localização, e topónimo quando exequível, a localização geográfica através do sistema de coordenadas WGS84, as cotas altimétricas absolutas, a exposição da vertente em que se encontram, as dimensões genéricas da estrutura quando possível, e uma descrição geral das mesmas.

Foram registadas quatro estruturas na zona do Pinhal do Douro (n.º1 a n.º4), cujo acesso se faz por diversos caminhos rurais que derivam da estrada M624, estas encontram-se implantadas em vertentes com a exposição a SE, SO e E, estando na sua maioria integrados na sub-bacia hidrográfica da Ribeira de Coleja, ou muito próximos desta, bem como diversas linhas de água sua afluentes.

As estruturas n.º1, n.º2 e n.º3 apresentam planta subcircular (Fig.13 a Fig. 15), enquanto a n.º4 apresenta planta subcircular ovalada (Fig.16). Em todas se verifica a existência de um capeamento que forma beirado saliente, composto por lajes graníticas subrectangulares de faces planas.

As áreas internas aproximadas de cada uma delas variam entre os 43m² e os 80m², a altura das portas situa-se entre os 1,20m e os 1,65m, e a largura entre os 63cm e os 83cm, sendo a espessura das paredes, geralmente, de 80cm. A altura exterior das paredes varia entre os 2m e os 3m, e a interior varia entre o 1,40m e os 3,24m.

Na proximidade de Vilarinho da Castanheira, no lugar de Cabeços, foram identificadas três estruturas (n.º 5, n.º9 e n.º10). A estrutura n.º 5 apresenta planta quadrangular, numa vertente com exposição a SE, sobranceira a ribeira de Coleja. (Fig.17)

Os n.º 9 e n.º10 apresentam planta subcircular estando localizado em vertente com exposição a

SO e a SE, respetivamente, em pontos sobranceiros às ribeiras de Coleja e da Uceira. Estes apresentam uma área interna aproximada entre 150m² e 175m², sendo que a altura das paredes varia entre os 2,10m e os 3,40m. O primeiro apresenta a porta orientada a N e o outro a S. (Fig.21 e Fig.22)

Embora de aparelho irregular e alvenaria insonsa, todos apresentam vestígios de capeamento que forma beirado saliente, composto por lajes graníticas subrectangulares de faces planas.

Na freguesia de Linhares inventariaram-se duas estruturas correspondentes à funcionalidade de muro-apiário (n.º 6 e n.º7), o acesso é feito a partir de Linhares, através da estrada M633, por caminho rural em direção à capela de São Gonçalo. Encontram-se orientados para a vertente S e SE respetivamente, integrados na sub-bacia hidrográfica da ribeira de Linhares.

O n.º 6 apresenta planta subcircular, com aparelho irregular de alvenaria insonsa, com uma área interna de cerca de 196m², apresenta afloramento rochoso visível na zona mais elevada, e o interior encontra-se estruturado por socalcos, apresentando porta orientada a oeste. A altura interna das paredes varia entre os 2,14m e os 2,90m. (Fig.18)

A estrutura identificada com o n.º7 apresenta planta de formato trapezoidal, com muro de alvenaria insonsa, com uma área interna de cerca de 377m², este apiário encontra-se em exploração atualmente, com diversas colmeias. A altura interna das paredes atinge os 2,20m, e a altura externa varia entre o 1,10m e os 1,60m. (Fig.19)

Ambos apresentam capeamento que forma beirado saliente para o exterior, composto por pedra granítica de forma subrectangular.

Próximo do lugar de São Lourenço, acessível a partir de Pombal, através da estrada M628 com desvio para caminho rural ao pé do Miradouro de São Lourenço, foi registado um muro apiário de planta subcircular, com aparelho irregular de pedra granítica, com capeamento formando pequeno beirado saliente, localizado numa vertente com orientação a SO, sobranceira ao rio Tua, possui uma área interna aproximada de cerca de 125m², a altura externa das paredes varia entre 2,25m e 3,15m. (Fig. 20)

Próximo da aldeia de Zedes, foi identificada uma estrutura (n.º11), com recurso a fotografia aérea, numa vertente orientada a SE, sobranceira à ribeira da Cabreira. Apresenta uma área interna de cerca de 57m², constituído por alvenaria insonsa de aparelho irregular de pedra granítica, com capeamento que forma ligeiro beirado saliente para o exterior. (Fig. 23)

Na zona da Beira Grande foram identificadas duas estruturas (n.º 12 e n.º13) correspondentes a muros-apiários, com acesso seguindo pela estrada da Rota do Douro, com desvio para caminho rural à direita. Apresentam planta subcircular, com aparelho irregular de alvenaria insonsa, ambos implantados em vertentes orientadas a S e SE, respetivamente, em zona sobranceira à ribeira do Cibio. (Fig.24 e Fig. 25)

O n.º13 encontra-se em estado de ruína bastante avançado, o n.º12 apresenta uma área aproximada de 76m², a altura exterior dos paramentos atinge os 3m, possui porta de entrada orientada a nordeste, com uma largura de 1m e cerca de 75cm de espessura, e um capeamento dos paramentos que forma beirado saliente para o exterior composto por laje granítica subrectangular de faces lisas.

Próximo da aldeia de Marzagão identificou-se uma estrutura de planta subcircular (n.º14), com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beirado saliente, em laje granítica subrectangular, com uma área interna de cerca de 65m², e porta de entrada orientada a norte. Encontra-se localizado numa vertente com exposição a E, sobranceira à ribeira da Ferradosa. (Fig. 26)

Por último, identificou-se, com recurso a fotografia aérea, uma estrutura próximo da aldeia do Castanheiro do Norte, no lugar de Montã, numa vertente sobranceira ao rio Tua, com exposição ao quadrante SO e porta virada para SE. Apresenta uma área interna de cerca de 346m², de planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular. (Fig. 27)

Os muros-apiários consistem em estruturas, por norma, subcirculares, podendo por vezes assumir formato quadrangular ou trapezoidal, implementadas em encostas mais ou menos íngremes, com muros de alvenaria insonsa de aparelho irregular,

7. Designação ao qual estão associados diversas lendas bélicas que teriam consagrado o nome ao local. (Alves, 2000, X:770).

8. «Entre as feras que em tempos antigos povoavam as nossas matas contava-se como uma das mais bravosas, o urso, chamado em documentos medievais osso e usso, e cujos covis, e sítios por ele frequentados, deram origem a nomes de lugar, como Osseira... Vilar de Ossos... Em regra, o sufixo -eira designa a cova ou furna onde um animal se recolhe e a fêmea cria; e al o sítio por onde o animal erra e há muitos covis.» (Alves, 2000, X:770) Citando Vasconcelos- Etnografia portuguesa, 1936, vol. II, p.121.



Fig. 1 Vista exterior da estrutura n.º10



Fig. 2 Vista exterior da estrutura n.º3



Fig. 3 Vista exterior da porta da estrutura n.º1



Fig. 4 Vista exterior da porta da estrutura n.º5.

cuja altura dos paramentos, embora não uniforme, poderia atingir os quatro metros de altura.

Na maioria dos casos verificou-se a existência de um beirado saliente como forma de capeamento dos paramentos, composto por lajes de pedra granítica subrectangular de faces lisas (Fig.1 e Fig.2). O modelo arquitetónico descrito, para além de funcionar como proteção do paramento, tem vindo a ser associado por diversos investigadores às formas mais comuns de impedir que os ataques de alguns predadores tivessem sucesso, garantindo assim a integridade e salvaguarda do colmeal⁹.

Na maioria dos casos apresentados foi possível observar a existência de uma porta, por norma, de pequenas dimensões, podendo a altura destas variar entre 1m e 1,65m, e a largura entre os 63cm e os 92cm, com exceção do apiário que continua com exploração apícola que apresenta uma lar-

9. Alguns autores citando Eduardo Sousa d'Almeida referem que "No Minho e Trás-os-Montes eram vulgares as silhas, isto é, espécie de malhadas rodeadas de altos muros, que protegiam os cortiços dos ventos e dos ratoneiros. Muitas destas silhas abrigavam mais de mil cortiços" (Henriques et alli, 2010:11).

gura muito superior à dos outros. A espessura dos paramentos varia entre os 65cm e os 88cm (Fig.3 e Fig.4). Em diversos casos verificou-se a que o afloramento rochoso se encontra visível na parte mais elevada no interior das estruturas, o que deverá estar relacionado com o processo de deposição dos sedimentos na cota inferior, paralelamente registaram-se algumas estruturas que teriam o seu interior estruturado por socalcos por formas a criar plataformas planas a diferentes cotas para assentamento dos cortiços (n.º6).

Como mencionado, a funcionalidade destas estruturas encontra-se associada à proteção das explorações apícolas, nomeadamente dos cortiços, dos ataques diferentes predadores, facto que é comumente aceite por diversos investigadores, e se encontra explícito em algumas fontes históricas. (Rodrigues e Neves, 2010:9)

Entre os diversos predadores de abelhas existentes no ecossistema¹⁰, os muros-apiários parecem estar concebidos principalmente para impedir que

10. (Patrício, 2018: 13 a 23)

os mamíferos de médio e grande porte acedam ao interior do colmeal, nomeadamente javalis, texugos¹¹, e como já referido, em tempos idos também os ursos.

Foi possível identificar algumas características gerais, comuns a todos os muros-apiários, nomeadamente, no que concerne à implantação, maioritariamente em vertentes orientadas a sul, este, sudoeste e a sudeste, (Fig.5), assegurando a proteção dos ventos de norte e garantindo uma prolongada exposição solar¹². Em encostas com inclinação significativa e sobranceiras a linhas de água constantes e circundadas por recursos que possibilitem a recolha

11. "Os mamíferos não atacam as abelhas diretamente, mas sim as colmeias quebrando-as para que se possam alimentar. Aqui incluem-se os javalis e os texugos que, em algumas regiões do país, derrubam e assaltam os cortiços para se alimentarem favos de mel." (Patrício, 2018:20) Citando PAIXÃO.V. (1974) – Manual do Apicultor, Edição de autor, Lisboa.

12. "El lugar debe estar protegido de los fenómenos atmosféricos perjudiciales, tales como vientos fríos en invierno (...) o de las eventuales tormentas que podrían derribar las colmenas. Muy a menudo se protegen con una valla de madera o con un muro alto." (Philippe, 2008: 33).

de pólen e néctar, por forma a assegurar uma boa produção apícola¹³. (Fig.6 e Fig.7)

Os testemunhos orais recolhidos evidenciam o fator da exposição solar e da proteção dos ventos como determinante, "Tentamos sempre escolher um sítio aconchegado que não fosse muito ventanoso, virados ou a nascente ou a sul." (M.A.M). Efetivamente a temperatura elevada e a exposição solar são um dos fatores que faz movimentar as abelhas, já o frio obriga a estarem dentro da colmeia ou cortiço, para manterem uma temperatura ideal entre 13°C a 20°C para que a criação sobreviva, para isso elas formam um cacho ao centro e ao consumirem o mel transformam-no em calor através dos movimentos do corpo. Já o calor excessivo, obriga-as a deslocarem-se para a entrada da colmeia ou do cortiço, e com o movimento das asas provocar a circulação do ar e conseqüentemente o arrefecimento da temperatura.

13. "...un colmenar bien orientado, com las piquetas hacia al sudeste, el sur o el sudoeste en el hemisfério norte, y protegido de los vientos fríos, producirá mucho en presencia de buenas fuentes melíferas..." (Philippe, 2008: 45).



Fig. 5 Mapa de vertentes com implantação dos muros-apiários identificados e nº de ocorrências por ponto cardinal. (adaptado de PMECP, 2012: 134)



Fig. 6 Vista geral da implantação da estrutura n.º10 na encosta



Fig. 7 Vista geral da implantação da estrutura n.º8 na encosta

A opção pelas zonas de encosta revela-se essencial para que o terreno seja bem drenado, devendo assegurar que se encontra “... protegido dos ventos fortes e frios, evitando alterações de temperatura no interior da colmeia, devendo o sol ser abundante e com sobra moderada.” (Elvas, 2010:8).

A proximidade das linhas de água é outro dos fatores preponderante para a sua implantação, sendo por isso colocados perto de cursos de água como ribeiros e rios, como se verifica nos exemplos aqui apresentados, pois os enxames dependem muito da água e da sua qualidade para sobreviverem, e para uma produção apícola eficiente.

Verificamos assim, que a implantação/localização geográfica escolhida para a construção da maioria dos apiários identificados obedece a uma multiplicidade de fatores que visam potenciar a exploração e produção dos colmeais. Destes destaca-se ainda a vegetação circundante, pois esta influi de diversas formas na qualidade do mel produzido em cada apiário. Num raio de cerca de três quilómetros, convém identificar se existem várias espécies melíferas de árvores e plantas, ou se existe a predominância de alguma espécie, as abelhas podem voar mais do que este limite, mas quanto mais têm de se deslocar menos rentável é o enxame, tendo em conta que têm de consumir mais mel. Quanto maior for a facilidade de acesso aos nutrientes, maior será a produção.

De acordo com outros investigadores, em outras áreas geográficas estudadas, “...os Muros-apiários são edificações que foram construídas de raiz em zonas abertas (urzais, giestais, rosmaninhais, estevais ou ecossistemas mistos), não florestadas.” (Paiva, 2010: 24)

A floração existente pode determinar se é suficiente para produzirem boas safras e perceber que mel as abelhas vão produzir¹⁴. As diversas florações podem originar mel de características e cores diferentes, e “...isso depende da floração. Nós aqui (...) o mel é mais claro porque é de rosmaninho, se formos por exemplo para a zona de Carrazeda, ou para Bragança já é mais escuro que já tem castanheiro, se for para o lado do Minho também fica multiflores,

14. “En un principio tiene que situarse en medio del tipo de vegetación que será la fuente de néctar y de pólen.” (Philippe, 2008: 33).

se deixarem estar mais tempo apanha muitas flores, não fica só proveniente de uma floração e também temos o mel de eucalipto na zona do Minho, na zona da minha nora, da terra da minha nora e esse já parece assim quase um rosé.” (M.A.M.).

A altimetria de implantação destas estruturas é bastante variável, e decorrente das características orográficas do território em estudo anteriormente descritas, não se tendo verificado uma opção preferencial ao longo das encostas, registando exemplos que se encontram nas zonas de meia encosta, ou mais próximo do topo ou do fundo, sendo que as cotas de implantação mais baixas se localizam a 203m de altitude (n.º8 e n.º15) e as mais elevadas entre os 765m e 770m de altitude (n.º5 e n.º9).

Assim, e como constatado por outros autores, “A construção destas cercas é fruto de longa aprendizagem onde a exposição solar, os ventos predominantes, a proximidade de linhas de água de curso permanente, a pendente do terreno, as características da flora local e, eventualmente, outros saberes que por hora nos escapam parecem ter determinada a seleção do local de construção.” (Oliveira, 2010:17).

Um dos aspetos que foi possível verificar no terreno foi a perpetuação da utilização dos locais com maior exposição solar para a implantação de estruturas de exploração apícola, como se constata na estrutura n.º7 ainda utilizada para albergar um colmeal (Fig.19), e nas proximidades das estruturas n.º1, n.º2 e n.º11 verificou-se a existência de explorações apícolas atuais.

Uma das características intrínsecas à localização dos muros-apiários, é o seu difícil acesso, na generalidade dos casos, e afastamento relativo dos núcleos habitacionais, esta terá contribuindo para o seu progressivo abandono, embora se verifique a opção de locais semelhantes e próximos, com melhores acessibilidades para a implantação atual dos colmeais.

Contudo, e como mencionado anteriormente, não persiste na memória coletiva a utilização destas estruturas para a implantação de colmeais, estando mormente associadas à utilização para outros fins, “...se isso era um local para as abelhas, não posso explicar, nunca ouvi contar isso, mas que eram curraliças onde metiam o gado, porque antigamente

havia muitos lobos e onde eles atacassem eles acabavam por dar cabo dos rebanhos, depende conforme eles fossem, agora geralmente eu pelo menos não me lembra que os pusessem lá nas curraliças, agora o gado sim...” (A.B.C.). Dos entrevistados já ninguém se recorda da utilização efetiva destas estruturas para a proteção dos colmeais, “Não, nós aqui na nossa zona de Beira Grande não. Ouvi falar que na zona de Linhares e Marzagão há lá uns. Construíam umas paredes tipo um castelo, por causa de resguardar dos ventos, para estarem mais aconchegadas...” (M.A.M.), sendo mormente relacionados com a pastorícia e os abrigos para proteger o gado dos seus predadores.

Esta realidade parece ser comum noutras regiões do país, sendo constatado por outros investigadores que, “Nos dias que correm, e para a maior parte dos casos, já não existe memória da construção e uso de muros-apiários, nem mesmo entre o segmento da população detentora de saberes mais antigos. Este aspeto relacionar-se-á com a conclusão a que chegámos durante a elaboração deste estudo, a saber: a cronologia de um número significativo de muros-apiários será bastante recuada.” (Correia, 2010:2)

6. Cortiços

Um dos elementos da exploração apícola indissociável dos muros-apiários são os cortiços, produzidos com a cortiça extraída dos sobreiros, que pela sua forma cilíndrica natural, era aproveitada para facilitar a construção dos mesmos.

Tratam-se de objetos de corpo subcilíndrico, feito a partir de secção de cortiça retirada do sobreiro, as extremidades verticais, cortadas durante o processo de extração, são posteriormente unidas em diversos pontos através de arames que atravessam pequenos orifícios junto à extremidade.

A parte superior era selada por tampa de cortiça de formato subcircular, fixada ao corpo através de pregos de madeira, ao centro desta podia existir uma porção truncada, de diferentes configurações, por forma a funcionar como tampa amovível para observar o interior do cortiço.

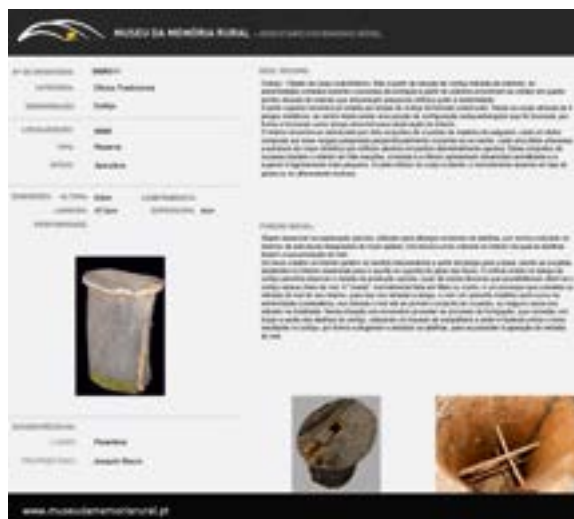


Fig. 8 Ficha de inventário do Museu da Memória Rural



Fig. 9 Fotografia de cortiço in situ



Fig. 10 Pormenor da distribuição das cruzetas no interior do cortiço

O interior era estruturado por dois conjuntos de cruzetas de madeira, cada um deles composto por duas vergas justapostas perpendicularmente, sobrepondo-se ao centro, atravessando a estrutura do corpo cilíndrico por orifícios abertos em pontos diametralmente opostos no exterior. Estes conjuntos de cruzetas dividem o interior em três secções, configurando terços de dimensões preferencialmente semelhantes. A parte inferior do corpo é aberta, e era assente diretamente sobre o afloramento rochoso ou laje de pedra, por forma a garantir o seu isolamento do exterior.

Durante o processo de recolha de informação para este estudo foi incorporado, por doação, um cortiço na reserva do Museu da Memória Rural. (Fig.8)

Foi-nos possível recolher diferentes testemunhos acerca desta atividade, sendo que todos os entrevistados tiveram diferentes incentivos para se dedicarem à apicultura, “Foi um gosto que eu desde pequenino criei, mas nunca tive colmeias, só cerca de 2012 em conversa com um colega é que comecei com a minha primeira colmeia, o meu avô já tinha cortiços também, mas o meu pai nunca teve” (A.C.), “gostava dos animais, gostava de estar ao pé deles, às vezes só para me distrair, e depois a gente tomava conta e lá saía um enxame e saía outro e ia apanhando-os para os cortiços” (A.B.C.), “Isto é tudo minha iniciativa, e quando fui para o Cachão trabalhar, e lá havia muito quem tivesse colmeias e eu disse, bem, tenho que ir saber de dois ou três cortiços (...) eu fui para o Cachão em 75 ou 76 e depois comecei.” (J.M.), “o bichinho de andar com as abelhas, já vem um bocado de família, já o meu bisavô tinha, o meu sogro tinha, e depois eu comecei a andar com o meu sogro e comecei a comprar umas colmeiazitas e comecei a ter colmeias e a ter o bichinho.” (A.M.).

Todo o processo de execução do cortiço está associado a um “saber-fazer” ancestral que praticamente caiu em desuso e que importa aqui registar e preservar. As entrevistas realizadas permitiram recolher diferente informação oral referente a esse processo, que se iniciava com a seleção da cortiça apropriada, o que dependia de diversos fatores, não sendo toda a mais apropriada para o efeito. Preferencialmente só se utilizava a cortiça a partir

da segunda tiragem, passados 9 anos da primeira tiragem, pois a cortiça “virgem” contém muitas ranhuras e não é a ideal, “Depende também da qualidade do sobreiro porque há sobreiros que a cortiça mais aberta, tipo relada por dentro, e há outra que é mais batida, mais rijinha já não deixava entrar tanta humidade” (A.B.C.).

O processo de construção do cortiço implicava diversas fases, “... a gente acabava por formar tipo de um círculo, redondo pronto, e metia-se os arames para o rematar, para o prender para não tomar respiração ...” (A.B.C.), depois de feito o molde do formato do cortiço era necessário criar condições para que as abelhas pudessem puxar os favos, para isso “... arranjava-lhe a por as cruces, que é para elas segurarem o favo, que são feitos de salgueiro, que é uma madeira muito direita e rija e depois a gente dividia mais ou menos ali o espaço do cortiço para por as cruces, portanto furava de um lado para o outro, punha um e depois punha a outra, e depois rodava o cortiço em que ficasse em cruz para meter as outras em cruz com aquelas a roçar uma na outra por dentro.” (J.J.M.). Era nestas cruces que as abelhas produziam os favos de cera para depois colocarem o néctar, o pólen, o mel e a criação.

Depois de feita a estrutura cilíndrica e as respetivas cruces, colocava-se uma tampa, também feita de cortiça para manter o isolamento correto. Esta também tinha como função permitir que ao se retirar fosse possível ver o estado da colmeia e retirar o mel, “(...) arrancava-lhe a tampa com uns pregos e via se tinha (...) antigamente era um pauzinho aguçado, fazia-se tipo de um prego, era um prego, metia-se a gente via mais ou menos a parede da coisa, metia-lhe o pauzinho mais ou menos ao direito e batia-lhe com um martelozinho ou às vezes uma pedra, depende, porque nem sempre a gente tinha um martelo por lá para fazer este trabalho” (A.B.C.).

Era necessário fazer uma pequena abertura no cortiço, sensivelmente a um palmo do solo, para a entrada e saída das abelhas.

Para o cortiço ser realmente eficiente tinha de ter um excelente isolamento, “... a gente agarrava uma pouca de cinza com um crivozito ou uma criva (...)

e acabava por meter a cinza nestes orifícios mais grossos que era por causa de não entrar tanto frio lá para dentro (...) barro também, quer dizer (...) geralmente com a cinza ou com a bosta, quer dizer dos animais, vaca ou ovelha quer dizer, mas geralmente, a gente por causa de não andar a perder tempo era mais com a coisa de cinza em casa que era uma coisa que a gente tinha em casa” (A.B.C.). No entanto, as próprias abelhas tapam todos os pequenos orifícios com própolis, feito de pólen, cera e resinas vegetais que recolhem e preparam.

Para finalizar, o cortiço era colocado sobre uma superfície plana, normalmente numa pedra correspondente ao diâmetro do cortiço, mas podia ter diferentes dimensões, ou em fragas, muros ou outras estruturas, desde que assentasse de forma a não ter aberturas entre os dois corpos estruturalmente distintos, podia ainda ser colocada uma pedra por cima da tampa, a fazer peso, para garantir uma maior estabilidade. (Fig.9 a Fig. 11)

Os favos criados pelas abelhas no interior do cortiço partem no sentido descendente a partir da tampa para a base, sendo as cruzetas existentes no interior essenciais para auxílio no suporte do peso. O terço inferior no interior do cortiço define a área de criação, o espaço central define a área de armazenamento de mel, pólen e de criação, o terço superior serve para o armazenamento de mel e normalmente é extraído no processo de cresta.

A cresta, normalmente era feita em maio ou junho, consistia na retirada do mel do seu interior, para isso era retirada a tampa, e com um utensílio metálico semi-curvo na extremidade¹⁵, era retirado o mel até ao primeiro conjunto de cruzetas, ou nalguns casos era retirado na totalidade.

O orifício criado na tampa do cortiço permitia observar o estado da produção, a par de outras técnicas que possibilitavam aferir se o cortiço estava cheio de mel. Uma delas consistia em “... lhe bater por cima, (...) que era para ver se batia ao são ou não, porque se batesse em são estava cheio, se batesse a oco não tinha nada. E acabava por se ir

¹⁵ Alguns autores apresentam a designação de “crestaderia” para este utensílio (Soeiro, 2006-2007: 136 e 143) e <https://montedomel.blogspot.com/search?q=corti%C3%A7os+de+corti%C3%A7o>

a baixo e morrer, morrer porque não estava a casa completa.” (A.B.C.).

O processo iniciava-se com a fumigação, utilizando “Um saco de serapilheira enrodilhado, fazia tipo de uma rodilha, e tinha de andar com aquilo com a mão... quem não tinha um fumigueiro...” direcionava-se o fumo para entrar pelo topo do cortiço “...por cima elas descem... elas têm medo ao fumo e são obrigadas a descer...”, obrigando assim as abelhas a sair do cortiço ou atordoando-as. Algumas vezes era também necessário “...tirar as abelhas dos favos utilizavam uma escovazita, quem não tinha utilizavam as arçãs¹⁶...” (A.B.C.).

Posteriormente, a forma de retirar o mel dependia do engenho do apicultor, “... engendrei eu duas facas, que até tenho em casa, uma que é direita e outra que faz meia-lua na ponta, a meia-lua é para entrar a faca pelos favos a baixo e cortar só sobre a primeira cruz, só tira até à primeira cruz, para baixo ficava que é para a alimentação do enxame.” (M.A.M.), ou utilizando “...um bocado de um arco duma pipa de qualquer coisa, fazia-lhe tipo uma mãozeira, para pegar e ao fim para tirar os favos fazia-lhe uma curvazita para cortar tipo faca...” (A.B.C.).

No final do inverno, ou pelo menos antes do início da primavera, fazia-se a preparação e limpeza do cortiço, processo designado por estinha e que consistia em retirar as ceras velhas, abandonadas pelas abelhas, que se localizavam no terço inferior do cortiço¹⁷, garantindo espaço para os novos favos a serem “puxados” pelas abelhas¹⁸.

Estes processos da cresta e estinha são descritos por José António de Sá, no século XVIII, “Para tirar a cera viram o cortiço, e extraem-na da parte aonde

está assente, o que depois elas tornam a pender; e isto em Março, e em Maio os crestam para lhes tirar o mel. Separa-se-lhes o tampo, e com o crestadeirão tiram o trevo e o mel à proporção do que têm, deixando-lhes sempre bastante para o sustento de Inverno.” (Sousa et alli, 2009: 336).

O rendimento da exploração apícola utilizando métodos atuais em relação aos utilizados nos cortiços são notórios. Nas colmeias, visto que as meias alças já contêm quadros de madeira com dois arames que suportam o favo, com a tecnologia atual facilmente se retira a camada que está a opercular o favo e de seguida colocam-se os quadros numa máquina centrifugadora que com a ação dos movimentos vai retirar o mel e não destrói os favos, criando uma significativa vantagem em relação ao cortiço, pois para a próxima safra basta colocar os mesmos quadros com a cera já puxada, nos cortiços as abelhas têm de voltar a produzir cera para construir novos favos, e assim perdem mais tempo e consomem mais mel, cerca de seis quilos a sete quilos para produzirem um quilo de cera.

Nos cortiços como se destrói a cera dos favos, pois têm de os espremer para escorrer o mel, “... não se podia tirar com máquinas porque era espremido à mão, cortava-se com um bocado de um arco já curvado, e depois deitava-se para um tacho ou para uma vasilha qualquer onde a gente podia depois ao fim, espremer à mão, acabava por o mel escorrer assim, não era com máquina, a máquina era para as colmeias móveis.” (A.B.C.), “... é um processo que não é tão rentável porque o cortiço apenas sai alguns cinco quilos e uma colmeia pode produzir até doze quilos, vinte quilos, trinta quilos, já tive colmeias de trinta quilos, há colmeias de cinquenta quilos mas ainda não foi o meu caso” (A.C.).

Mais recentemente começou a ser implementada a técnica da transumância, usada com as colmeias, cujos apiários onde a floração terminou, e depois de feita a cresta, são deslocados para outras zonas, onde a floração ainda vai, ou está a decorrer, processo que não se verificava nas colmeias fixas, como são a esmagadora maioria dos casos em que se utilizavam cortiços.

O processo de cresta nos cortiços implica que “...as propriedades nutricionais e terapêuticas desses méis



Fig. 11 Ilustração esquemática de cortiço, interior e disposição dos favos (adaptado de Joaquim Pifano) (<https://montedemel.blogspot.com/search?q=corti%C3%A7os+de+corti%C3%A7o>)

eram potenciadas por uma maior presença de outros produtos da colmeia como o pólen e geleia real. Estes produtos estavam presentes porque nas colmeias fixas não é possível a separação total entre a zona de criação de novas abelhas da zona de reservas, pólen e mel, o que se traduz também na alteração de algumas das propriedades organoléticas dos méis extraídos de colmeias fixas dos extraídos de colmeias móveis, como é o caso da cor, em particular nos méis claros e muito claros...” (Vicente, 2010: 14).

Alguns autores apontam algumas técnicas utilizadas que possibilitavam a retirada total da cera e do mel, no entanto matava toda a criação e corria-se o risco de no processo se matar a abelha rainha e condenar o enxame à morte. Ou “Em alternativa podia promover-se a passagem do enxame para um cortiço novo ou a sua junção com outro que estivesse fraco, dentro do cortiço do segundo. O abelheiro borcava o cortiço, tapando-o na parte inferior agora voltada para cima com um outro cortiço vazio a união coberta por um trapo em redor. Batendo e fumigando o primeiro, fazia passar o enxame ao segundo. Uma vez desocupado, o cortiço podia ser levado para casa e desmontado, serrando as cruzes. A esta prática, mais vulgar a Sul, se chamava o estroixo.” (Soeiro, 2006-2007:136).

Outra opção de transição idêntica, é quando o apicultor quer transferir o enxame do cortiço para a colmeia, para o efeito é preciso “(...) esperar pe-

los enxames e batê-los para a colmeia porque é um toque com dois pauzinhos um de cada lado, e põe-se o cortiço ao contrário e a gente dá-lhe um toque com meio aperto, elas começam a sair e começam a entrar para a colmeia” (J.J.M.).

Durante a primavera ocorre o processo natural de enxameação, que se prende com a reprodução dos enxames. Para tal, as abelhas criam várias realeiras, casulos que se destacam dos alvéolos pela sua dimensão. Nos alvéolos maiores, tanto a abelha rainha como as abelhas poedeiras, que são operárias que podem por ovos caso não exista abelha rainha, depositam ovos não fertilizados que dão origem a zangãos (machos), nos alvéolos ditos “normais” a abelha rainha põe os ovos fertilizados e dão origem às operárias, mas se as larvas forem alimentadas apenas com geleia real elas vão desenvolver-se mais e formam realeiras, que vão criar as “princesas” e possivelmente futuras rainhas. Ao nascerem as “princesas” elas vão fazer um voo nupcial e se forem fecundadas pelos zangãos podem tornar-se rainhas. Ao estarem várias rainhas na mesma colmeia, a rainha mais velha vai levar outras abelhas com ela e dá-se então a enxameação, vão à procura de outro local. As restantes rainhas podem também enxamear ou podem morrer num combate entre elas, pois só pode existir uma rainha por colmeia. Este fenómeno também acontece devido à falta de espaço no interior dos cortiços, “...o enxame

16. Regionalismo utilizado para designar o rosmaninho.

17. “... quando o enxame está bem, está quase até ao fundo, só no inverno é que chegam mais para o centro, se vem um ano fraco não têm mel, não têm nada, têm de se introduzir onde haja mais de comer” (A.B.C.).

18. Para além do mel existem vários outros subprodutos extraídos dos cortiços, nomeadamente a cera, elemento fundamental para a execução de velas, processo bem documentado por PÍFANO, Joaquim; GARCIA, Maria Luísa; PIMENTA, Carlos (2018) – O “Último Cerieiro” de Felgueiras – Torre de Moncorvo; in Revista da Memória Rural Vol. I, Município de Carrazeda de Ansiães, Carrazeda de Ansiães, pp. 233-243.

velho (...) quando vê que a população já é muita, que empurram um e empurram outro (...) a abelha mais velha é que sai...” (A.B.C.).

Por estas razões, “ (...) produzia mais enxames, o cortiço também era bom para a gente apanhar enxames, porque noutros tempos nós não fazíamos os desdobramentos, então andava-mos sempre a tentar apanhar enxames. Depois é que aprendi a fazer os desdobramentos e a partir daí já comecei a apanhar menos enxames porque desdobrava-as” (M.A.M.). Por isso, eram excelentes para a enxameação, pois, nas colmeias atuais também acontece, mas é possível aumentar o espaço útil da colmeia com a colocação de meias alças e fazer desdobramentos, ou seja, dividir uma colmeia em duas ou mais.

São também relatadas as formas para a captura de novos enxames utilizando diversas técnicas “ Às vezes esfrega-se com rosmarinho para apanhar o enxame para entrar para o cortiço (...) ou com vinho doce (...) bebia um bocadinho e berrifava o cortiço e com pouca coisa molhava-se um cortiço todo (...) elas depois acabam por começar a provar aquilo sabe lhe bem e elas entram...” (A.B.C.).

Outro dos cuidados a ter prendia-se com a manutenção da saúde das abelhas “ (...) na alimentação eu alimento só com mel, os tratamentos é à base de evaporação, são produtos à base de timol, na parte do convencional a alimentação no inverno, em vez de colocarem como eu, mel, já compram produtos artificiais, já não são naturais, e os tratamentos já é à base de químicos, não são produtos naturais. Aqui é tudo à antiga como no tempo dos cortiços” (A.C.), “... noutros tempos também era muito mais fácil, as abelhas depois começaram a ter umas doenças e a gente agora tem de fazer mais tratamentos do que se fazia noutros tempos.” (M.A.M.).

Neste processo de alimentar as abelhas é-nos também dado a conhecer uma técnica particular, “... agora recordou-me, também lhe davam migas de cavalo cansado, também lhes faziam as migas e também davam às abelhas o açúcar e o vinho, (...) já no tempo dos meus bisavós” (M.A.M.).

Algumas da maleitas e predadores que podiam e afetavam os cortiços frequentemente, são descritas por José António de Sá e implicavam, por vezes, a

cresta integral do mel do interior do cortiço “A tinha é um inseto branco e pequenino, que rói a cera e o próprio cortiço, e faz morrer as abelhas. Não sabem remédio para ela; tiram-lhe logo a cera para não perder tudo. A lagarta espera-as à saída e as mata. E o tourão é bicho que fura o cortiço, e o tomba às vezes, e mata também as abelhas.” (Sousa et alli, 2009: 336)

A traça ou tinha é efetivamente um dos perigos que mais afetava os cortiços, “... a tinha era... porque há uma borboleta que quando vê que o enxame já está fraco mete-se dentro do cortiço e depois metem os ovos...” (A.B.C.).

Perante estes casos alguns autores referem ainda a possibilidade desinfetar os cortiços caso fossem atacados pela tinha¹⁹, contudo, segundo os testemunhos recolhidos nesta região, os cortiços seriam inutilizados dada a facilidade de acesso a matéria-prima de que eram feitos “... o cortiço (...) não era coisa de custar muito dinheiro (...) a gente atirava com ele fora... como a gente tinha próprios sobreiros, está afetado a gente não utilizava (...) o que se há-de fazer... é deixá-lo ir embora...” (A.B.C.).

Para além das doenças que podiam afetar os cortiços, como anteriormente mencionado, existem vários predadores das abelhas, do mel e da cera, como lagartos, a traça da cera, besouros, ratos, aves, e as que representam a maior ameaça são as vespas, a vespa comum, a vespa crabro e mais recentemente a vespa velutina, também denominada de vespa asiática.

Outros dos predadores das abelhas e cortiços mais mencionados na região são a “... Murifela²⁰ vem e caça-as mesmo no ar... e onde está a colmeia também atacam, e atacam os cortiços quando estão mais fracos (...) e comem as abelhas, é como a avéspera (...) os ratos onde podem entrar destroem, roem a cera toda, mais onde há pólen, eles

19. “... o método mais eficaz para combater a “tinha” era o de colocar os cortiços no forno (...) Para desinfetar as colmeias colocavam-nas dentro do forno, quando as temperaturas ainda letais para a traça e outras moléstias, eram mais baixas (...) Depois de desinfetados, os cortiços estavam outra vez prontos para albergarem abelhas.” Joaquim Pifano in <https://montedomel.blogspot.com/search?q=corti%C3%A7os+de+corti%C3%A7o>.

20. Melro-Azul.

gostam mais (...) o lagarto é um bicho que não tem medo nenhum...” (A.B.C.) e o “... pito-barranqueiro ou abelharuco... atacam em bando (...) há muitos lá em baixo para a parte do Douro, fazem o ninho na terra, nos patamares...” (A.C.).

7. Conclusões

Atendendo às realidades observadas, é possível aferir um conjunto de características gerais, comuns às estruturas identificadas como muros-apiários, nomeadamente no que concerne aos tipos e técnicas de arquitetura vernacular, a par das características de implantação no terreno, que visavam um tipo específico de aproveitamento das condições naturais para a exploração apícola. Tratam-se pois de estruturas integrantes da paisagem que o devir parece ter dissociado da sua função original e que o seu registo pretende devolver à memória coletiva.

Embora este estudo se tenha baseado numa pequena amostra de ocorrências, certamente que muitas mais haverá a marcar o território carrazedense²¹.

Paralelamente, procurou-se “dar voz” a quem ainda detém o conhecimento e técnica ancestral de exploração apícola através dos cortiços, tendo em vista a preservação da cultura imaterial associada.

Agradecimentos

António Carvalho, António Belmiro Correia, José Joaquim Moura e Manuel Aníbal Meireles pela disponibilidade em serem entrevistados e esclarecerem todas as dúvidas.

Diana Canelhas pelas ilustrações, Filipe Almeida, Cristiano Sousa, Ricardo Saavedra.

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco Manuel (2000) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. X. Câmara Municipal de Bragança/Museu Abade Baçal, Bragança.

ALVES, Raquel Sofia Nunes (2015) – *Os sistemas de*

21. Durante o processo de elaboração deste estudo chegaram até nós informações de outras evidências estruturais de muros-apiários, que por ora ficaram por confirmar.

informação geográfica na avaliação da aptidão para a apicultura: aplicação ao concelho de Leiria. Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Modelação Territorial aplicados ao Ordenamento. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23145/1/igotul005740_tm.pdf

ÁLVARES, Francisco; DOMINGUES, José (2010) – *Presença histórica do Urso em Portugal e testemunhos da sua relação com as comunidades rurais*. AÇAFA On-line nº3. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/O_Urso_em_Portugal.pdf

CORREIA, Dalila (2010) – *Os Muros-apiários do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. AÇAFA On-line nº3. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Muros_apiaros_do_Vale_do_Coa.pdf

COSTA, António Carvalho da, (1706-1712) – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes. Disponível em WWW:<URL: <http://www.purl.pt/434>>

ELVAS, Paula Suzana Marques (2010) – *Definição do Potencial de Exploração Apícola Utilizando Sistemas de Informação Geográfica*. Dissertação para Obtenção de Grau de Mestre em Sistemas de Informação Geográfica, Universidade da Beira Interior, Covilhã. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3591/1/dissertacao_SIG.pdf

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINHO, Maria Lobato; PRATA, José Teodoro; GARDETE, José Joaquim (2010) – *Os Muros-apiários da Região de Castelo Branco e Zona Envolvente*. AÇAFA On-line nº3. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Muros_da_Regiao_de_Castelo_Branco.pdf

KRITSKY, Gene (2017) – *The quest for the perfect hive: Ancient Mediterranean origins*. In *Beekeeping in the mediterranean from antiquity to the presente*. (Ed.) Fani Hatjina, Georgios Mavrofridis, Richard Jones. Hellenic Agricultural Organization “Demeter”; Chamber of Cyclades; Eva Crane Trust, Nea Moudania, pp. 51 – 55. Disponível em: https://www.apiservices.biz/documents/articles-en/beekeeping_in_mediterranean.pdf

LAUTENSACH, H; DAVEAU, S.; RIBEIRO, O (1999) – *Geografia de Portugal II. O Ritmo Climático e a Paisagem*, Lisboa, Edições Sá da Costa [4ª edição].

OLIVEIRA, Aurélio de; COSTA, Natália Fauvrelle da (1996) – Um manuscrito inédito sobre o Douro Supe-

rior em finais do século XVIII. Douro – *Estudos e Documentos*, Vol.1 (1), pp.196-258

OLIVEIRA, Jorge (2010) – A Abelha, o Urso e o Homem, uma relação milenar. In (AAVV) Muros, entre as abelhas e os ursos. Comentário, reflexões e outros contributos. *AÇafa On-line* nº3, pp. 16-20. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Comentarios_reflexoes_outros_contributos.pdf

MORAIS, Cristiano (2006) – *Por Terras de Ansiães* – *Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal Carrazeda de Ansiães, Carrazeda de Ansiães.

PAIVA, Jorge (2010) – Os “Muros-apiários” e a Flora em Portugal. In (AAVV) Muros, entre as abelhas e os ursos. Comentário, reflexões e outros contributos. *AÇafa On-line* nº3, pp.21-24. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Comentarios_reflexoes_outros_contributos.pdf

PATRÍCIO, Filipa Sobral (2018) – *Contributo para a identificação dos inimigos das abelhas melíferas*

Apis mellifera iberiensis na Zona do Douro Superior, Dissertação apresentada à Escola Superior Agrária de Bragança para obtenção de Grau de Mestre em Agroecologia. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/19153/1/pauta-relatorio-1.pdf>

PHILIPPE, J.M. (2008) – *Guía del apicultor. Utilizable en todas las regiones apícolas del mundo*. Ediciones, S.S., Barcelona. Disponível em: <https://archive.org/details/230484047JeanMariePhilippeGuiaDelApicultor/page/n29/mode/2up>

Plano Diretor Municipal (PDM) de Carrazeda de Ansiães (2015) – Fase 4 – Plano Diretor Municipal. Volume IV. Relatório Ambiental Preliminar. Disponível em: https://www.cmcarrazedadeansiaes.pt/cmcarrazedadeansiaes/uploads/writer_file/document/240/5_RELAT-RIO-AMBIENTAL-PRELIMINAR.pdf

PÍFANO, Joaquim; GARCIA, Maria Luísa; PIMENTA, Carlos (2018) – O “Último Cerieiro” de Felgueiras – Torre de Moncorvo. *Revista da Memória Rural*

Nº 1, Município de Carrazeda de Ansiães, Carrazeda de Ansiães, pp. 233-243.

PMEPC (2012) – *Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil, Município de Carrazeda de Ansiães*. Disponível em: <http://planos.prociv.pt/Documents/130337631756688369.pdf>

RODRIGUES, Joana Salomé Camejo; NEVES, João Carlos (2010) – Os Muros Apiários do Parque Natural da Serra de São Mamede e Sítio de São Mamede. *AÇafa On-line* nº3. Disponível em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Muros_apiarios_do_Nordeste_Alentejano.pdf

SOEIRO, Teresa (2006-2007) – Em busca do doce sabor. *Portugalia, Nova Série*, Vol.XXVII-XXVIII, Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, pp.119-158.

SOUSA, Fernando de (1997) – Uma Descrição de Trás-os-Montes por José António de Sá, *População e Sociedade*, n.º3, CEPFAM-Centro de Estudos da População e Família, Porto, pp. 359 – 399.

SOUSA, Fernando; FERREIRA, Diogo; FARRICA, Fátima; BARROS, Paula; ROCHA, Ricardo; BRAGA, Sílvia (2009) A agricultura da comarca de Moncorvo, segundo José António de Sá, em finais de setecentos. *Moncorvo da Tradição à Modernidade* Coordenação Fernando de Sousa, Edição Afrontamento, Porto, pp. 288-338.

VICENTE, Helena Paula (2010) – Os muros apiários e a produção de mel, In (AAVV) Muros, entre as abelhas e os ursos. Comentário, reflexões e outros contributos, *AÇafa On-line* nº3, pp.12-15. In: http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Comentarios_reflexoes_outros_contributos.pdf

Websites

<http://montedomel.blogspot.com/2012/08/o-misterioso-mundo-dos-corticos.html>

<https://montedomel.blogspot.com/search?q=corti%C3%A7os+de+corti%C3%A7o>

Anexo - Fichas de inventário de estrutura Muros-apiários inventariados

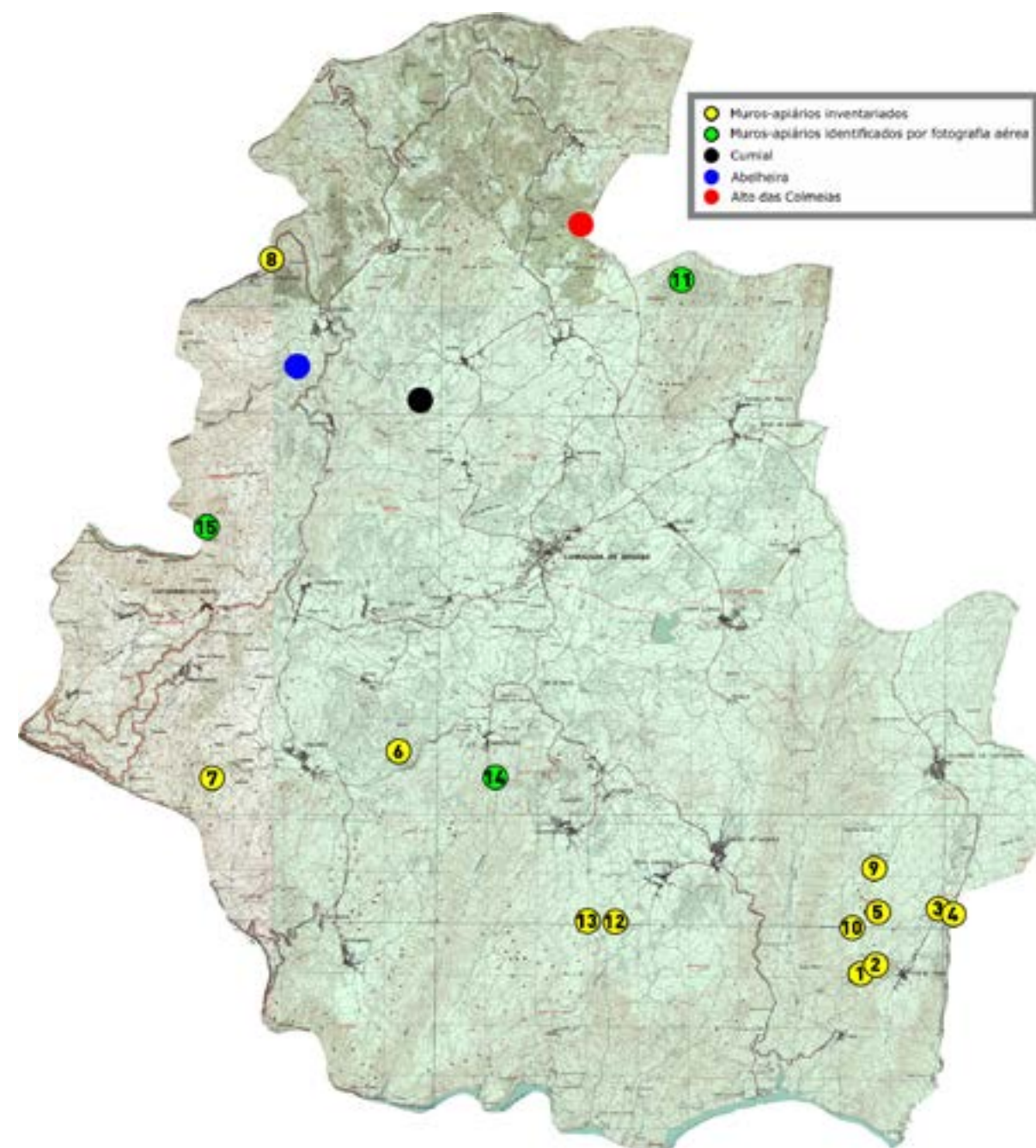


Fig. 12 Implantação dos muros-apiários e toponímia identificada no concelho de Carrazeda de Ansiães.


Nº de inventário	1
Localização	Pinhal do Douro
Topónimo	Pinhal do Douro
Coordenadas Geográficas	41º10'43,12"N 7º 12'47,07"O
CMP	129
Altitude	540m
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à Ribeira da Coleja
Dimensões	
Comprimento Transversal: 6,87m Logitudinal: 6,98m Área Aprox: 43,7m ² Altura da parede Interna: 1,40cm Externa: varia entre 2,32m e 3m Porta Altura: 1,20m Largura: 84cm Espessura: 80cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular de faces lisas. A zona mais elevada encontra-se sobre o afloramento rochoso. Porta de entrada orientada a nordeste.	

Fig. 13 Ficha de inventário da estrutura n.º1


Nº de inventário	3
Localização	Pinhal do Douro
Topónimo	Pinhal do Douro
Coordenadas Geográficas	41º10'43,12"N 7º 12'47,07"O
CMP	129
Altitude	620m
Orientação Exposição	Vertente SO sobranceira à Ribeira da Coleja
Dimensões	
Comprimento Transversal: 10,90m Logitudinal: 7,60m Área Aprox: 65,6 m ² Altura da parede Interna: 2,08m a 2,80m Externa: 2,32m a 3m Porta Altura: 1,65m Largura: 78cm Espessura: 78cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta beiral de capeamento saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular. Apresenta um pequeno nicho no paramento interior, próximo da porta de entrada orientada a este.	

Fig. 15 Ficha de inventário da estrutura n.º3

Nº de inventário	2
Localização	Pinhal do Douro
Topónimo	Pinhal do Douro
Coordenadas Geográficas	41º10'09,10"N 7º 13'49,00"O
CMP	129
Altitude	553m
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à Ribeira da Coleja
Dimensões	
Comprimento Transversal: 8,70m Logitudinal: 8,25 Área Aprox: 50,2m ² Altura da parede Interna: 2,55m a 3,24m Externa: entre 2,44m e 2,55m Porta Altura: 1,35m Largura: 63cm Espessura: 73cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, a face sul encontra-se derruída, possui vestígios capeamento de beiral de saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular, de faces lisas. Apresenta porta orientada a norte e uma porta entaipada na face este.	

Fig. 14 Ficha de inventário da estrutura n.º2

Nº de inventário	4
Localização	Pinhal do Douro
Topónimo	Pinhal do Douro
Coordenadas Geográficas	41º10'41,54"N 7º 12'43,74"O
CMP	129
Altitude	612m
Orientação Exposição	Vertente E
Dimensões	
Comprimento Transversal: 7,80m Logitudinal: 9,60 m Área Aprox: 79, 64m ² Altura da parede Interna: 2,40m a 3,15m Externa: 2,04m a 2,15m Porta Altura: 1,54m Largura: 80cm Espessura: 80cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, ovalada, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta beiral de capeamento saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular. Na extremidade este parece ter havido reconstrução, pois apresenta um aparelho mais regular formando um vértice. Possui porta de entrada orientada a noroeste.	

Fig. 16 Ficha de inventário da estrutura n.º4


Nº de inventário	5
Localização	Vilarinho da Castanheira
Topónimo	Cabeços
Coordenadas Geográficas	41º10'43,00"N 7º 12'44,58" O
CMP	129
Altitude	765m
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à Ribeira de Coleja
Dimensões	
Comprimento Transversal: 14m Logitudinal: 15m Área Aprox: 217m ² Altura da parede Interna: 2,20m a 2,70m Externa: 2,20m a 2,78m Porta Altura: 1,05m Largura: 80cm Espessura: 65cm	
	
Descrição: Apresenta planta quadrangular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral saliente, em laje granítica subrectangular. O interior encontra-se estruturado por alguns socalcos. Possui porta de entrada orientada a sudeste e outra entaipada orientada a norte. Pequeno nicho no paramento oeste.	

Fig. 17 Ficha de inventário da estrutura n.º5


Nº de inventário	6
Localização	Linhares
Topónimo	Calvo
Coordenadas Geográficas	41º12'28,23"N 7º 20'27,00" O
CMP	117
Altitude	680m
Orientação Exposição	Vertente S sobranceira à Ribeira de Linhares
Dimensões	
Comprimento Transversal: 14,20m Logitudinal: 18,62m Área Aprox: 196m ² Altura da parede Interna: 2,14m a 2,90m Porta Largura: 85cm Espessura: 80cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular. A extremidade sul encontra-se derruída, o afloramento rochoso encontra-se visível na extremidade norte. O interior encontra-se estruturado por socalcos dispostos transversalmente. Possui porta de entrada orientada a oeste.	

Fig. 18 Ficha de inventário da estrutura n.º6

Nº de inventário	7
Localização	Linhares
Topónimo	
Coordenadas Geográficas	41º12'11,16"N 7º 23'01,29" O
CMP	116
Altitude	453m
Orientação Exposição	Vertente SE próxima da ribeira de Linhares
Dimensões	
Comprimento Transversal: 15,20m Logitudinal: 17,50m Área Aprox: 377m ² Altura da parede Interna: 2,22 Externa: 1,10m a 1,60m Porta Altura: 1,28m Largura: 1,40cm Espessura: 80cm	
	
Descrição: Apresenta planta trapezoidal, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular. O paramento norte possui capeamento com pedra granítica saliente, formando pequeno beiral. Possui porta de entrada orientada a noroeste. Este apiário encontra-se em funcionamento atualmente, onde se observam diversos alinhamentos de colmeias.	

Fig. 19 Ficha de inventário da estrutura n.º7


Nº de inventário	8
Localização	São Lourenço
Topónimo	
Coordenadas Geográficas	41º10'43,00"N 7º 12'44,58" O
CMP	103
Altitude	203m
Orientação Exposição	Vertente SO sobranceira ao rio Tua
Dimensões	
Comprimento Transversal: 11m Logitudinal: 13,90m Área Aprox: 125m ² Altura da parede Interna: 3,52m a 4,20m Externa: 2,25m a 3,15m Porta Altura: 1,60m Largura: 92cm Espessura: 88cm	
	
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral de saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular. É visível o afloramento rochoso na área que se encontra mais elevada. Possui porta de entrada orientada a sul. Apresenta árvores de cultivo no interior.	

Fig. 20 Ficha de inventário da estrutura n.º8


Nº de inventário	9	
Localização	Vilarinho da Castanheira	
Topónimo	Cabeços	
Coordenadas Geográficas	41°11'11.11"N 7°13'45.62"O	
CMP	129	
Altitude	770m	
Orientação Exposição	Vertente SO sobranceira à ribeira da Uceira	
Dimensões		
Comprimento Transversal: 15,30m Logitudinal: 12,90m Área Aprox: 150m ² Altura da parede Interna: 2,10m a 3,40m		
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral de saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular. Porta de entrada orientada a norte. É visível o afloramento rochoso na zona mais elevada, estruturado interiormente por desnível transversal.		

Fig. 21 Ficha de inventário da estrutura n.º9


Nº de inventário	11	
Localização	Zedes	
Topónimo	Carqueijais	
Coordenadas Geográficas	47°17'24.10"N 7°16'28.13"O	
CMP	104	
Altitude	634m	
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à Ribeira da Cabreira	
Dimensões		
Comprimento Transversal: 8,52m Logitudinal: 8,39m Área Aprox: 56,72m ²		
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta beiral de capeamento saliente para o exterior, em laje granítica subrectangular.		

Fig. 23 Ficha de inventário da estrutura n.º11



Nº de inventário	10	
Localização	Vilarinho da Castanheira	
Topónimo	Cabeços	
Coordenadas Geográficas	41°10'34.60"N 7°14'05.52"O	
CMP	129	
Altitude	760m	
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à ribeira de Coleja	
Dimensões		
Comprimento Transversal: 15,30m Logitudinal: 16m Área Aprox: 173m ² Altura da parede Externa: 2,40m a 2,80m		
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral de saliente, em laje granítica subrectangular. O interior encontra-se estruturado por socalcos que marcam os desníveis. Porta de entrada orientada a sul.		

Fig. 22 Ficha de inventário da estrutura n.º10

Nº de inventário	12	
Localização	Beira Grande	
Topónimo		
Coordenadas Geográficas	41°10'39.01"N 7°17'24.11"O	
CMP	129	
Altitude	530m	
Orientação Exposição	Vertente S sobranceira à Ribeira do Cibio	
Dimensões		
Comprimento Transversal: 9,71m Logitudinal: 9,72m Área Aprox: 76m ² Altura da parede Externa: 3m Porta Largura: 1m Espessura: 75cm		
Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral saliente, em laje granítica subrectangular. Porta de entrada orientada a nordeste.		

Fig. 24 Ficha de inventário da estrutura n.º12


Nº de inventário	13
Localização	Beira Grande
Topónimo	
Coordenadas Geográficas	41º10'38.48"N 7º17'46.93"O
CMP	129
Altitude	570m
Orientação Exposição	Vertente SE sobranceira à Ribeira do Cibio
Dimensões	
Comprimento Transversal: 13m Logitudinal: 16m Área Aprox: 180 m ²	



Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, encontra-se em estado avançado de ruína.

Fig. 25 Ficha de inventário da estrutura n.º13


Nº de inventário	15
Localização	Castanheiro
Topónimo	Montã
Coordenadas Geográficas	41º14'52.20"N 7º23'09.01"O
CMP	116
Altitude	203m
Orientação Exposição	Vertente SO sobranceira ao rio Tua
Dimensões	
Comprimento Transversal: 20,20m Logitudinal: 22m Área Aprox: 346m ²	



Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular. Porta de entrada orientada a Sudeste.

Fig. 27 Ficha de inventário da estrutura n.º15

Nº de inventário	14
Localização	Marzagão
Topónimo	
Coordenadas Geográficas	41º12'09.88"N 7º19'05.85"O
CMP	117
Altitude	570m
Orientação Exposição	Vertente E sobranceira à Ribeira da Ferradosa
Dimensões	
Comprimento Transversal: 18,7m Logitudinal: 25,2m Área Aprox: 65,6 m ²	



Descrição: Apresenta planta subcircular, com muro de alvenaria insonsa de pedra granítica, de aparelho irregular, apresenta capeamento formando beiral saliente, em laje granítica subrectangular. Porta de entrada orientada a norte.

Fig. 26 Ficha de inventário da estrutura n.º14



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e assista ao vídeo com depoimentos de António Carvalho sobre a apicultura e os muros-apiários do concelho de Carrazeda de Ansiães.



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e assista ao vídeo com depoimentos de António Belmiro Correia sobre a apicultura e os muros-apiários do concelho de Carrazeda de Ansiães.



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e assista ao vídeo com depoimentos de Manuel Aníbal Meireles sobre a apicultura e os muros-apiários do concelho de Carrazeda de Ansiães.